



*Antologia
de Textos
Filosóficos*

GRAMSCI

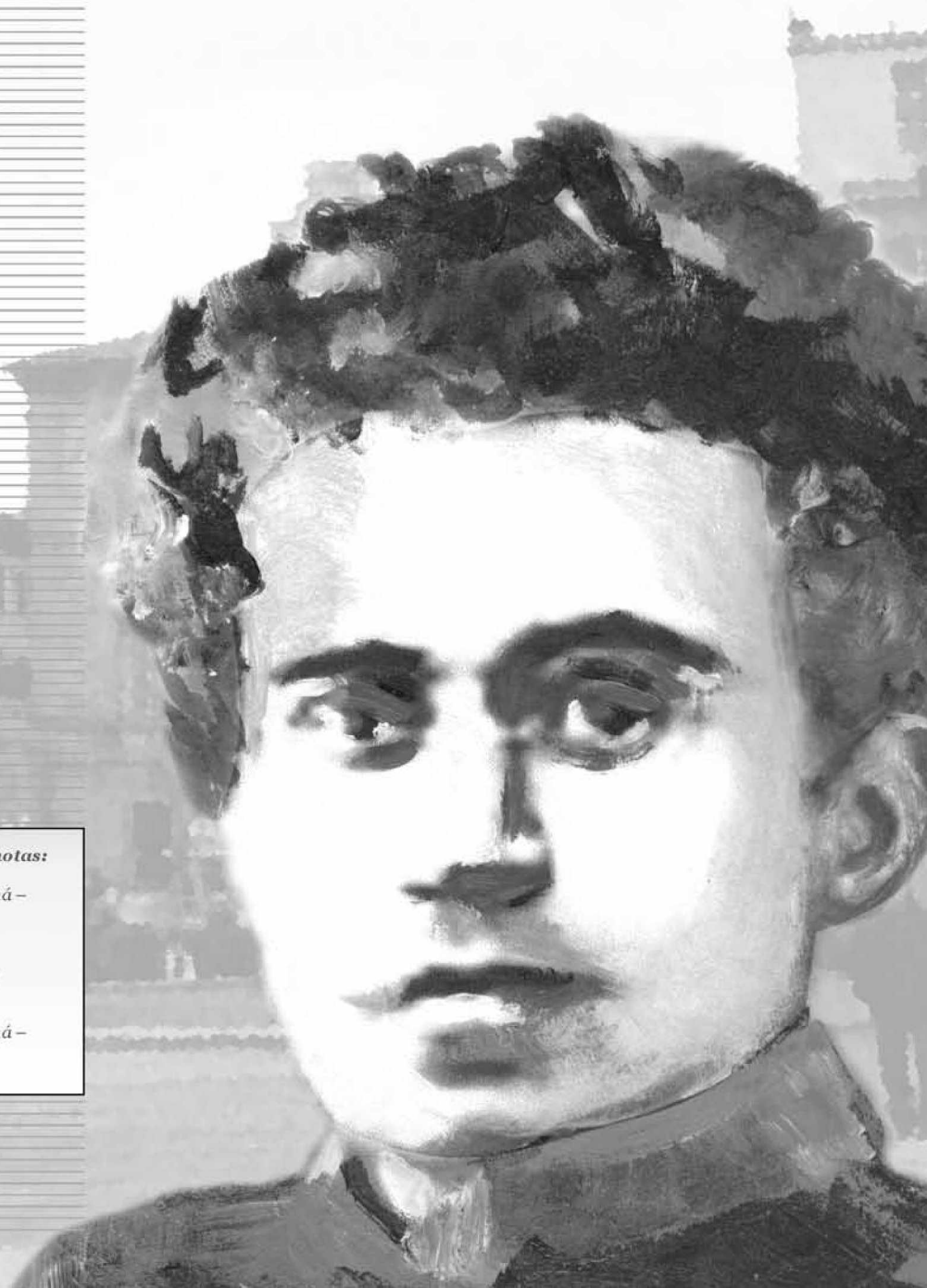
(1891-1937)

Texto de apresentação e notas:

Anita Helena Schlesener
Universidade Tuiuti do Paraná –
UTP

**Tradução do italiano
(especialmente para esta
edição) e notas:**

Anita Helena Schlesener
Universidade Tuiuti do Paraná –
UTP





ANTONIO GRAMSCI: FILOSOFIA, HISTÓRIA E POLÍTICA

ANTONIO GRAMSCI não foi um filósofo no sentido tradicional do termo, mas foi um político que, no início do século XX, dedicou sua vida a organizar o movimento operário para a revolução socialista na Itália; por esse motivo, enfrentou o fascismo e foi confinado por 11 anos nos cárceres italianos.

Gramsci nasceu na Sardenha em 22 de janeiro de 1891 sendo o quarto filho de uma família de sete irmãos. A mãe, mesmo com muitas dificuldades financeiras, sempre cultivou nos filhos o hábito da leitura, tanto que formou uma pequena biblioteca; com 20 anos (1911) Antonio transferiu-se para Turim a fim de cursar a Universidade. A partir de 1916 aderiu ao movimento socialista italiano, tornando-se um político muito ativo; passou a escrever para os jornais operários como o *Avanti!* e o *Grido del Popolo*; em 1919 fundou com outros companheiros o jornal *L'Ordine Nuovo*, que se tornou um dos principais meios de formação dos operários que se organizaram, entre 1919 e 1920, nos Conselhos de Fábrica. Além de militante político, foi um grande crítico literário e suas críticas teatrais eram esperadas com respeito por atores e diretores, principalmente porque, conforme acentua Fiori, sua avaliação era criteriosa e

o “resultado de uma extrema aversão à hipocrisia”.¹

Seu trabalho inseria-se no debate político da época, marcado pelo embate entre ideologias contrárias que se organizaram na Itália a partir da crise econômica e social iniciada por volta de 1913, crise que teve seu ápice entre 1920-22 e colocou em discussão a estrutura do Estado italiano; desse embate ascenderam dois movimentos radicalmente diversos: o movimento operário, que se organizou nas fábricas e se propunha encaminhar a revolução socialista e o movimento fascista, que se organizou em grupos de reação ao socialismo emergente.

Na leitura de Gramsci, com a Guerra Mundial a Itália, exaurida em suas riquezas naturais pela exploração capitalista e empobrecida pela evasão de capital, precisou enfrentar a fome e o desemprego gerados pela guerra; a burguesia enfraquecida e submetida ao jogo econômico e político internacional, não apresentava soluções efetivas; enquanto as classes trabalhadoras se organizavam para resistir à crise e gerar as condições políticas de instauração de uma nova ordem social, instaurou-se um processo reacionário que conseguiu mobilizar a parcela da sociedade que não se identificava com o socialismo e que sofria as consequências da guerra.

Nesse contexto, Gramsci participou, em 1921, da fundação do Partido Comunista Italiano, tornando-se um dos principais dirigentes do Partido a partir de 1924; nesse ano também foi eleito deputado, participando do embate político contra o fascismo no Parlamento. No período seguinte (1924-26) a classe operária, já vencida na tentativa revolucionária de 1920, foi derrotada pela repressão oficial e pelo terror fascista que se disseminava pelo país. A crise econômica e política confluiu no golpe de Estado fascista em 1926, com a prisão da maioria dos dirigentes do movimento operário italiano.

Confinado inicialmente na ilha de Ustica e, depois, em outros cárceres da Itália, Gramsci passou onze anos na prisão, falecendo em 27 de abril de 1937, aos 46 anos de idade. É importante dizer que Gramsci tinha clareza de sua situação e a enfrentou com coragem, conforme se entende

¹ FIORI, G. *A Vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 147.

da carta que escreveu à sua mãe em 1928: “gostaria que você compreendesse bem, também com o sentimento, que eu sou um preso político e serei um condenado político, que não tenho e nunca terei porque envergonhar-me dessa situação”. E acrescenta algo que permite inferir sua coerência e seu caráter: “no fundo, de certo modo fui eu mesmo quem quis a detenção e a condenação, pois nunca pensei em mudar as minhas opiniões, pelas quais estaria disposto a dar a vida”.²

Sua obra é extensa: constitui-se de inúmeros artigos escritos em jornais operários entre 1915 e 1926, reunidos em cinco volumes de cerca de 500 páginas cada um, publicados pela Editora Einaudi de Turim. Preso em 1926, Gramsci conseguiu autorização para escrever a partir de 1929 e, até 1935, produziu mais de 2000 páginas, apresentadas em 33 cadernos sendo quatro de traduções. Além desse material, foram publicadas as *Cartas do Cárcere*, reconhecidas como obra literária com o prêmio Viareggio, dado à primeira edição em 1947. Das cartas afloram tanto a sensibilidade estética quanto a percepção crítica de Gramsci, tanto a clareza dos limites carcerários quanto a coragem de expor sentimentos sem deixar de lado a coerência política.

Seus escritos são fragmentados, primeiro porque resultam da militância política junto à classe operária italiana; segundo, porque a prisão em 1926 e as condições carcerárias impossibilitaram o acesso a uma bibliografia específica. O próprio Gramsci acentua que suas notas “precisam ser minuciosamente revistas e controladas” porque podem conter “inexatidões, falsas aproximações, anacronismos”. Escritas sem a consulta necessária, acentua o autor, “é possível que depois da revisão devam ser radicalmente corrigidas porque o verdadeiro pode ser exatamente o contrário do que se afirma”.³ A clareza do caráter provisório de seus escritos e o fato de admitir a possibilidade de erros, exigindo uma pesquisa mais aprofundada das referências bibliográficas, a qual poderia levar a uma mudança radical nas afirmações, nos convida a um cuidado com a leitura e a interpretação de seus escritos.

² GRAMSCI, A. *Lettere dal Cárcere*. (10/05/1928) Torino: Einaudi, 1975, p. 211.

³ GRAMSCI, A. *Quaderni del Cárcere*. Torino: Einaudi, 1977, p. 1365.

Por outro lado, um trabalho inacabado pode possuir um grande valor crítico precisamente por não se construir de forma sistemática, porém, abre a possibilidade de múltiplas e variadas interpretações. Outra dificuldade que se coloca à nossa interpretação é o estilo de escrita, que polemiza com autores da época, bem como o fato de seus fragmentos serem contextualizados e trazerem elementos da realidade italiana muitas vezes por nós desconhecidos, isto é, a problemática e o horizonte de discussão delimitam-se por uma determinada situação histórica cujo desconhecimento dificulta a interpretação. Identificar as várias polêmicas que Gramsci enfrenta a cada novo fragmento é fundamental para a compreensão de seu texto.

Nos *Cadernos do Cárcere* encontra-se uma definição de filosofia que pode orientar a leitura: “Tudo é política, também a filosofia ou as filosofias e a única ‘filosofia’ é a história em ato, isto é, é a própria vida; neste sentido se pode interpretar a tese do proletariado alemão como herdeiro da filosofia clássica alemã”.⁴ Essa interpretação de Marx e da filosofia da práxis, que Gramsci entendia como uma filosofia integral e original, questiona o caráter abstrato da filosofia sistemática e a identifica com a história para acentuar a inovação de um pensamento que supera (e, superando, integra em si os seus elementos vitais) tanto o idealismo quanto o materialismo tradicionais. O histórico designa o movimento de construção da vida no qual a força motriz é o trabalho, cujo desenvolvimento gera os modos de produção e de troca, a divisão da sociedade em classes sociais antagônicas e a luta de classes.

O objeto da filosofia se constitui pelos problemas do presente e a história da filosofia só é importante à medida que pode contribuir para identificar como se construíram as relações presentes e quais os problemas deixados sem solução. A filosofia da práxis, além de uma teoria política revolucionária, também se apresenta como um método de abordagem do real, que possibilita entender que fazemos parte de um conjunto de estruturas que se articulam, muitas vezes de modo contraditório, gerando as condições materiais de existência, novas formas de vida e de

⁴ Ibidem, p. 886.

modos de pensar que se produzem e reproduzem continuamente.

O percurso aqui proposto a partir da seleção de artigos inéditos visa a esclarecer os limites da democracia liberal e da representação política no contexto de uma sociedade de classes, bem como a explicitação de conceitos como história, liberdade e cultura. Os artigos aqui apresentados foram publicados em três jornais operários: o *Il Grido del Popolo* um artigo de 1915, o *Avantil!*, artigos publicados entre 1916 e 1920, e o *L'Ordine Nuovo*, artigos apresentados em 1919 e 1921. Foram escolhidos artigos que podem sugerir reflexões filosóficas, embora todos eles tenham sido publicados com objetivo político de formação das classes trabalhadoras, tanto que, embora escritos como breves notas produzidas na urgência da publicação, delineiam uma estratégia educativa na repetição do argumento.

O primeiro, intitulado *A indiferença*, aborda um tema que é bastante atual e retorna nos *Cadernos do Cárcere* na consideração dos processos de padronização dos comportamentos e do modo de pensar na sociedade moderna, que tomaram outras proporções nos tempos atuais a partir do desenvolvimento tecnológico aplicado aos meios de comunicação. De certo modo, serve para refletir sobre a pretensa neutralidade política do pensamento moderno e o compromisso de todos com a vida da sociedade, mesmo quando o indivíduo se isenta de toda ação política. Pode-se abrir o debate sobre os limites da representação política no contexto da democracia burguesa, ou ainda sobre a falta de transparência política ou de mecanismos efetivos de participação dos indivíduos.

O artigo *A História* confronta dois conceitos de filosofia: o metafísico, com o argumento na segunda pessoa do plural, e o histórico, que identifica filosofia e história, expresso na primeira pessoa do plural. Gramsci antecipa um tema que aprofundou nos *Cadernos do Cárcere* e que se apresenta na defesa do historicismo. A este se segue o artigo intitulado *Cadáveres e idiotas* que, a partir de uma análise filológica, que não deixa de ser irônica, contrapõe o pensamento autônomo à atitude dogmática, isto é, recoloca em discussão as duas concepções de filosofia apresentadas no escrito anterior. A defesa da autonomia como o exercício da diferença torna o texto bastante atual. A crítica ao elitismo dos intelectuais retorna

nos *Cadernos do Cárcere*.

O artigo *Rabiscos* refere-se a uma situação comum para as esquerdas italianas já antes do fascismo: a censura num Estado cujas raízes não foram populares, mas mantiveram antigas relações de autoridade e dominação. Foi escrito em 1917 e mostra ao público as dificuldades que enfrentavam os jornalistas para publicar suas opiniões. Já *O progresso no índice de ruas da cidade* confronta a vida comunitária medieval com a vida urbana moderna para mostrar como esta destrói os elementos culturais da vida coletiva para instaurar em seu lugar o modo de vida burguês.

Filantropia, boa vontade e organização é um artigo que defende a necessidade de a classe trabalhadora organizar-se em associações de cultura, mas não nos moldes das instituições burguesas de filantropia contrapondo, assim, dois conceitos de cultura. A ideia de filantropia é retomada nos *Cadernos do Cárcere* na análise das atividades do Rotary Club. O artigo *A sua Herança* publicado em 1918, reflete sobre a noção de liberdade e seus limites no contexto da sociedade capitalista, na qual a liberdade é determinada pela propriedade privada. Como o artigo anterior, acentua a necessidade de as classes trabalhadoras criarem as condições de vida coletiva a partir da organização em instituições políticas e culturais.

Os jornais e os operários mostra que toda imprensa expressa algum interesse econômico ou político e que a escolha de um jornal é também ela um momento da luta de classes. Pode-se abrir um debate e esclarecer a partir do texto a questão da ideologia. O artigo seguinte intitulado *A luz que se apagou* é um artigo que faz uma homenagem ao mestre, identificado em Renato Serra, professor morto na guerra. A experiência do rapaz que não sabia os 84 artigos da Constituição foi vivida pelo próprio Gramsci, como ele esclarece nas *Cartas do Cárcere*.

As duas *Crônicas de L'Ordine Nuovo* são como editoriais que apresentavam o conteúdo do jornal e foram selecionadas aqui porque explicitam a noção de cultura e permitem constatar que, por meio do Jornal, Gramsci pretendia possibilitar aos trabalhadores o acesso ao conhecimento historicamente produzido, a fim de ser reinterpretado de acordo com suas necessidades culturais e de organização política. O jornal *L'Ordine*

Nuovo poderia instaurar, assim, as bases da nova escola socialista. Em linhas gerais, os textos permitem debater conceitos como: história, filosofia, liberdade, cultura, ideologia, organização política e educação.

Seguem-se as traduções selecionadas, apresentadas por ordem cronológica e de título de Jornal: *Avanti!*, *Il Grido del Popolo* e *L'Ordine Nuovo*. No final de cada artigo, apresentam-se os dados da primeira publicação (nome do jornal e data) e, em seguida, os dados da publicação italiana na qual se encontra o artigo aqui traduzido.

SUGESTÕES DE LEITURA:

PRINCIPAIS OBRAS DE GRAMSCI TRADUZIDAS PARA O PORTUGUÊS

GRAMSCI, A. *Escritos políticos*. Lisboa: Seara Nova, 1976. 4 v.

Antologia de artigos escritos até 1926, incluindo alguns temas da Questão Meridional e a situação italiana e as tarefas do PCI.

GRAMSCI, A. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GRAMSCI, A.; BORDIGA, A. *Conselhos de Fábrica*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Texto produzido com o título: *Dibattito sui Consigli di Fabbrica*.

GRAMSCI, A. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, A. *Maquiavel: a política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, A. *Literatura e Vida Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, A. *Cartas do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, A. *Novas Cartas de Gramsci: e algumas cartas de Piero Sraffa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, A. *A Questão Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 5 v.

GRAMSCI, A. *Escritos Políticos*. Edição de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. 1 e 2.

OBRAS SOBRE GRAMSCI (EM PORTUGUÊS)

BADALONI, N. (ed.) *Gramsci e a América Latina*. Organizado por Carlos N. Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

COUTINHO, C. N. *A Democracia como valor Universal*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

COUTINHO, C. N. *Gramsci*. Porto Alegre: L & PM, 1981.

DEBRUM, M. *Gramsci: filosofia, política e bom senso*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

DEL ROIO, M. *Os Prismas de Gramsci*. São Paulo: Xamã, 2005.

DIAS, E. F. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.

DIAS, E. F. *Política Brasileira: embate de projetos hegemônicos*. São Paulo: J. L. R. Sundermann, 2006.

NOSELLA, P. *A Escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

NOSELLA, P. *A Escola de Gramsci*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

RAGAZZINI, D. *Teoria da Personalidade na sociedade de massa: a contribuição de Gramsci*. São Paulo: Autores Associados, 2005.

RUIZ, E. A. *Freud no "divã" do cárcere: Gramsci analisa a psicanálise*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SANTOS, J. A. *O Princípio da hegemonia em Gramsci*. Lisboa: Vega, 1987.

SCHLESENER, A. H. *Hegemonia e Cultura: Gramsci*. 3. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2007.

SCHLESENER, A. H. *Revolução e Cultura em Gramsci*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

SCHLESENER, A. H. *Antonio Gramsci e a política italiana: Pensamento, polémicas, interpretação*. Curitiba: UTP, 2005.

SCHLESENER, A. H. *A Escola de Leonardo: Política e educação nos escritos de Gramsci*. Brasília: Liberlivro, 2009.

SECCO, L. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002.

SEMERARO, G. *Gramsci e a sociedade Civil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SIMIONATTO, I. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1995.

SITES DE REFERÊNCIA

<http://www.acesa.com/gramsci/#>

<http://www.artnet.com.br/gramsci/textos.htm>

http://www.fondazionegramsci.org/settantesimo_ag_conv.htm

<http://www.fondazionegramsci.org/>

<http://www.gramscitorino.it/hp.asp>

<http://www.iger.org/publicazioni-d-19.html>

<http://www.victoryiscertain.com/gramsci/>

<http://www.theory.org.uk/ctr-gram.htm#bibl>

<http://www.gramscitoscano.org/public/cms>

A INDIFERENÇA¹

É certamente a mola mais forte da história, mas ao contrário. Aquilo que acontece, o mal que se abate sobre todos, o possível bem que um ato de valor geral pode criar, não se deve completamente à iniciativa dos poucos que agem, quanto à indiferença, ao desinteresse de muitos. O que acontece não acontece tanto porque alguns querem que aconteça quanto porque a massa dos cidadãos abdica de sua vontade e deixa fazer, deixa agrupar os nós que depois somente a espada poderá cortar, deixa subir ao poder os homens que depois somente uma rebelião pode modificar. A fatalidade que parece dominar a história é precisamente a aparência ilusória dessa indiferença, desse desinteresse. Os fatos amadurecem na sombra porque mãos não vigiadas por controle algum tecem a teia da vida coletiva e a massa ignora. Os destinos de uma época são manipulados conforme visões restritas e objetivos imediatos de pequenos grupos ativos e a massa dos cidadãos ignora. Mas os fatos que amadureceram acabam por aflorar; a teia tecida na sombra chega a se cumprir e, então, parece que é a fatalidade a arrastar tudo e todos, parece que a história não é mais que um enorme fenômeno natural, uma erupção, um terremoto do qual todos restam vítimas, quem quis e quem não quis, quem sabia e quem não sabia, quem foi ativo e quem foi indiferente. E este último se irrita, gostaria de subtrair-se às conseqüências, gostaria que se

¹ GRAMSCI, A. *Sotto la Mole (1916-1920)*. Torino: Einaudi, 1975. p. 228-229.

tornasse claro que ele não o quis e que não é responsável. Alguns choramingam piedosamente, outros blasfemam obscenamente, mas nenhum, ou poucos, se perguntam: se também eu tivesse feito o meu dever de homem, se tivesse procurado fazer valer a minha voz, a minha opinião, a minha vontade, teria acontecido o que aconteceu? Nenhum, ou poucos, fazem uma autocrítica da sua indiferença, do seu ceticismo, de não haver dado o seu apoio moral e material àqueles grupos políticos e econômicos que, precisamente para evitar esse mal, combatiam (com o objetivo) de conquistar o bem que se propunham. Os indiferentes, ao invés, preferem falar de falência das ideias, dos programas definitivamente desmornados e outros gracejos semelhantes. Continuam na sua indiferença, no seu ceticismo. Amanhã recomeçarão na sua vida de absenteísmo de toda responsabilidade direta ou indireta. E não se pode dizer que não vejam claro nas coisas, que não sejam capazes de apresentar belíssimas soluções para problemas mais atualmente urgentes ou para os que requerem mais ampla preparação e mais tempo e são igualmente urgentes. Mas estas soluções permanecem belissimamente infecundas, pois esta contribuição à vida coletiva não é movida por alguma luz moral, é consequência de uma curiosidade intelectual, não de pungente sentido de responsabilidade histórica, que requer toda atividade na vida, na ação e não admite agnosticismos e indiferenças de nenhum gênero. É necessário, por isso, educar esta nova sensibilidade, é preciso terminar com as lamúrias inconcludentes dos eternos inocentes. É necessário pedir contas a cada um de como desenvolveu a tarefa que a vida lhe atribuiu e lhe atribui cotidianamente, daquilo que fez e, especialmente, daquilo que não fez. É necessário que a corrente social não pese somente sobre poucos, mas que cada coisa que aconteça não pareça devida ao acaso, à fatalidade, mas seja obra inteligente dos homens. E para isso é necessário que desapareçam os indiferentes, os céticos, aqueles que usufruem do pouco bem que a atividade de poucos alcança e não querem tomar a si a responsabilidade do muito mal que a sua ausência da luta deixa preparar e acontecer.

(*"Avanti!", 26/08/1916*)

A HISTÓRIA²

Deem à vida toda a vossa atividade, toda a vossa fé, todo o abandono sincero e desinteressado das vossas melhores energias. Criaturas vivas, mergulhem no vivo e palpitante devir humano, até vos sentirem em uníssono com ele, até recebê-lo todo em vós próprios e sentir a vossa personalidade átomo de um corpo, vibrante partícula de um todo, corda sonora que recebe e recoa todas as sinfonias da história que assim, sentis de contribuir a criar. Apesar desse abandono completo à realidade ambiente, este vincular o vosso individual ao jogo complicado de causas e efeitos universais, sentis ao improviso o significado de alguma coisa que vos falta, necessidades vagas e dificilmente determináveis, aquelas necessidades que Schopenhauer chamava metafísicas.

Estais no mundo, mas não sabeis por quê. Atuais, mas não sabeis por quê. Sentis o vazio e desejaríeis justificações ao vosso ser, ao vosso agir e vos parece que as razões humanas não vos bastam, que refazendo o caminho de causa em causa chegais a um ponto que, para coordenar e regular o movimento, há necessidade de uma razão suprema, fora do conhecido e do conhecível, para ser explicada. Precisamente como alguém que, olhando o céu e reconstruindo de degrau em degrau o espaço que a ciência mensurou, sente sempre maior dificuldade no seu fantástico

² GRAMSCI, A. *Sotto la Mole* (1916-1920). Torino: Einaudi, 1975. p. 230-231.

vagabundear no infinito, chega ao vazio e não pode conceber este vazio absoluto e, então, inconscientemente o povoa de criaturas divinas, de entidades sobrenaturais que coordenam o movimento vertiginoso e, logicamente, o universo. O sentimento religioso é todo fundado no princípio material dessas aspirações vagas, dessas racionalizações instintivas e interiores sem saída. E em todos permanece no sangue algum rastro, algum frêmito, também àqueles que mais fortemente conseguiram dominar essas manifestações inferiores, porque instintivas, impulsivas, do próprio eu.

Mas é a própria vida que o vence, é a atividade histórica que o cancela. Produzidos pela tradição, depósitos instintivos de épocas milenares de terror e de ignorância da realidade circundante, procura-se descobrir a sua origem. Explicá-las quer dizer, superá-las. Torná-las objeto de história quer dizer reconhecer a sua vacuidade. E, então, retorna-se à vida ativa, sente-se mais plasticamente a realidade da história. Reconduzindo à história não somente o fato, mas também o sentimento, termina-se por reconhecer que somente nela está a explicação de nossa existência. Tudo o que é historicizável não pode ser sobrenatural, não pode ser resíduo de uma revelação divina. Se alguma coisa é ainda inexplicável, isso se deve unicamente à nossa incompletude cognoscitiva, à ainda não alcançada perfeição intelectual. E isto pode nos tornar mais humildes, mais modestos, sem jogar-nos nos braços da religião. A nossa religião volta a ser a história, a nossa fé volta a ser o homem e a sua vontade e atividade. Sentimos este enorme e irresistível impulso que nos vem do passado, no bem que nos prenuncia, dando-nos a enérgica segurança de que aquilo que foi possível o será ainda e com maior probabilidade, visto que nos tornamos mais experientes pelas experiências dos outros. E a sentimos no mal, nesses resíduos inorgânicos de estados de espírito superados. Assim é que nos sentimos inevitavelmente em antítese ao catolicismo e nos chamamos modernos. Porque sentimos que o passado vivifica a nossa luta, mas domado, servo e não patrão, iluminador e não obscurecedor.

(“Avanti!”, 29/08/1916)

CADÁVERES E IDIOTAS³

É voz corrente – e é certamente um gracejo malicioso, mas um gracejo significativo – que a Seção turinense do partido tenha estabelecido, nos dias passados, não admitir, de agora em diante, sócios que tenham superado nos seus estudos a terceira elementar.

O “Corriere della Sera” se diverte em entrecruzar com esta citação as frases espirituosas habituais que agradam tanto aos seus leitores, até quando são repetidas pela centésima vez. Socialistas: idiotas e nefandos; socialistas: proletários da inteligência; socialistas: protozoários que se revoltam contra as espécies superiores dos mamíferos; socialismo: manuais contra intelectuais; socialismo: analfabetos de todo o mundo uni-vos, *perinde ac idiotus* (como um só idiota, tradução para uso dos nossos sócios).

Pesemos as palavras. Idiota: palavra nobilíssima de origem grega. Idiota significa, antes de tudo, soldado raso, soldado que não tem nenhum galão. Significa em seguida: quem pensa com a própria cabeça, quem é si próprio, quem ainda não está submetido à disciplina social vigente. Quando esta falta de disciplina à ordenação social torna-se uma culpa, a palavra começa a assumir um significado ofensivo. Mas em si e por si não encerra nenhuma ofensa. Tem um significado social, não individual. Idiota é quem é diferente, quem pensa e fala diversamente da maioria. Idiotismo é a palavra ou o modo de dizer próprio de uma região e não usado na língua literária ou nacional. Idiota, enfim, corresponde a refratário, pelo que diz respeito às relações sociais. Nefando: palavra igualmente

³ GRAMSCI, A. *Sotto la Mole*. Torino: Einaudi, 1975. p. 281-282.

nobre, de origem latina. Significa: quem fala como a divindade proibiu de falar, quem faz afirmações proibidas pela lei. Duas palavras que adquiriram um valor verdadeiramente democrático do ponto de vista social. Duas palavras que adquiriram valor ofensivo quando a sociedade, a lei, a disciplina social, fundavam-se no princípio divino, sobre uma concepção mística do destino que preside o acontecimento dos fatos humanos. Idiotas e nefandos eram, portanto aqueles que não acreditavam na eficácia taumatúrgica das frases feitas, do “Deus disse”, do “a Pátria quer”, do “as leis imperscrutáveis que guiam a humanidade o dizem” etc. e, portanto, agiam e falavam com a própria cabeça, sem dúvida errando às vezes, mas prontos a reconhecer o erro e a corrigi-lo, contentes se conseguiam atingir um fim ainda que minúsculo, conquanto que, mesmo na sua pequenez, fosse alcançado com seus próprios meios, fosse filho de suas ações e não da sua excessiva obediência à vontade dos outros.

Idiotas e nefandos: palavras clássicas que expressam a independência de um pequeno grupo ante a coletividade, de um indivíduo em relação ao ambiente no qual vive. Que se contrapõem ao cadáver dos jesuítas, ao “creio, conquanto seja absurdo, pelo contrário, exatamente porque absurdo”, ao *ipse dixit* (disse... e basta, tradução para os nossos sócios) e a todas as outras fórmulas da submissão redil à verdade revelada, à lei, à voz de Deus, ao Estado, disciplina mística para a realização da vontade de Deus sobre a terra. Intelectuais, sim, quando intelectual quer dizer inteligente, e não tirano pela graça do título dos estudos; seguir os intelectuais, sim, quando seguí-los quer dizer encontrar neles maior clareza, logicamente mais construídos aqueles conceitos e aquelas verdades que cada um sente em si, ainda que indistintos. Mas não se quer sacrificar a inteligência ao intelecto, a inteligência e a liberdade próprias ao intelecto dos outros. Quando se provar que não ter títulos de estudos quer dizer ser estúpidos, que não ser conformadamente escravos quer dizer ser delinquentes, então nos cobriremos os cabelos de cinzas e bateremos o peito. Até agora estamos persuadidos que estúpidos e cretinos são somente aqueles que dão às palavras aquele significado que elas teriam se se referissem a eles próprios.

Nós somos mais clássicos que vocês, e nos encontramos bem.

(*Cadaveri e idioti*, 17/01/1917)

RABISCOS⁴

Uma vez, duas vezes, três vezes... Escreves e riscam, escreves e riscam... Molhas a caneta, a mão abandonada a meia altura, titubeante. O cérebro manietado não transmite à mão, aos dedos, o impulso para se moverem. A mão desce sobre o papel e a ponta de aço passeia sobre a brancura descrevendo complicadíssimos rabiscos, labirintos sem saída. Procura-se fatigosamente a saída. O pensamento aguça-se na angústia, choca-se contra as paredes para ver se elas se abrem numa passagem possível. Começa-se. Apaga-se. Recomeça-se. A expressão flui, o trabalho de aglutinação das frases e dos períodos repousa, afrouxa o esforço inicial. Convencemo-nos de ter encontrado o equilíbrio necessário entre as necessidades da própria sinceridade e as agressões irracionais da censura. Aguardamos vacilantes. Claro, vacilantes, porque amamos tudo o que nos exigiu um esforço para nascer, para exteriorizar-se. Sentimos as mesmas impressões de outrora, diante dos professores, com esta diferença: com os professores estávamos convencidos de estar diante de indivíduos absolutamente superiores que tinham verdadeiramente a capacidade de julgar nossos esforços, os nossos méritos. Agora sentimos, pelo contrário, a incapacidade absoluta, o despreparo absoluto em quem,

⁴ GRAMSCI, A. *Sotto la Mole (1916-1920)*. Torino: Einaudi, 1975. p. 340-342.

armado de lápis, como então, julga e ordena. Mas há uma igualdade entre uns e outros, sentimos que uma igualdade existe. Encontramo-nos agora, como então, diante de italianos, de velhos italianos (ainda quando jovens em idade), que não dão nenhuma importância aos outros, ao trabalho, ao esforço dos outros, à personalidade moral dos outros. Detentores, por um momento, de um poder (embora pequeno), querem deixar um vestígio dele, um vestígio o maior possível. O velho italiano não está habituado à liberdade: e não se fala de liberdade com L maiúsculo, abstração ideológica, mas da pequena, concreta liberdade, que se exprime no respeito aos outros, ao trabalho, aos esforços, à personalidade e às necessidades morais dos outros; que vence as pequenas, exasperantes, inúteis irritações; que impõe a quem tem o poder (mesmo que seja um pequeno poder) o ato de evitar até a aparência de uma injustiça, de um abuso. Que tem confiança nas boas energias dos homens e não ceifa um campo de trigo para destruir quatro papoulas e meia dúzia de tenras hastes de joio. Que acredita, antes, natural que assim seja, que ao trigo se misture joio e papoulas, porque uma vida coletiva só é saudável quando há luta, atrito, choque de sentimentos e paixões, e só na luta se revelam os fortes, os indispensáveis, os homens de fé e de ação, que tapam a boca à crítica agindo fortemente. Mas o velho italiano não compreende um poder sem repressões: se na Itália houvesse a pena de morte e ninguém sofresse esta sanção, o carrasco, para não estar sem fazer nada, tornaria-se mandatário de assassinio e de estupros, para poder **trabalhar** os seus cúmplices. Assim como acontece em muitos vilarejos da Itália meridional, onde os guardas rurais danificam, eles próprios, a propriedade privada, para fazer sentir que são indispensáveis. Assim também o censor, para fazer sentir quanto é fatigante e árduo o seu ofício, apaga, anula, risca tudo, tudo, tudo, trigo e papoulas, trabalho e tédio, bem e mal. E a caneta continua a traçar rabiscos, esperando, porque sente que esta barbárie (a confusão nos critérios, o arbítrio e o abuso são barbáries), se esgotará na própria raiva.

(*“Avanti!”*, 14/11/1917)

O PROGRESSO NO ÍNDICE DE RUAS⁵ DA CIDADE⁶

A comissão municipal para a denominação das ruas colocou-se no caminho do progresso. Armados de enciclopédia e de machados procedem à demolição da velha Turim. Caem os velhos nomes, os nomes tradicionais da Turim popular, que recordam a vida fervilhante da antiga cidade medieval, a fantasia exuberante e original dos artesãos do Renascimento, menos enciclopédicos e mais práticos e de bom gosto que os mercadores hodiernos. Substituem-se os nomes medalha. O índice de ruas torna-se um medalheiro. Toda a pacotilha de baixa erudição se transfere para as ruas. Os nomes são sons inertes que não despertam alguma imagem de vida, que tombam no fundo da consciência material, morta, que não ligam ao passado e rompem, com um ato violentamente ilógico, os elos tradicionais entre o homem e a rua. O índice de ruas se torna um museu, um cemitério de ilustres desconhecidos, pobre ossuário mofo e embranquecido pelo oportuno esquecimento, porque melhor se distingue quem verdadeiramente agiu na história. A burguesia comerciante não sabe substituir nada de original à intensa vida espiritual do passado. A sua vida é medalha e decoração; estímulo e enciclopédia; mé-

⁵ Stradario é a lista alfabética dos nomes das ruas e praças de uma cidade, traduzido aqui por índice de ruas.

⁶ GRAMSCI, A. *Sotto la Mole (1916-1920)*. Torino: Einaudi, 1975. p. 318-319.

todo, o igualamento e o nivelamento dos valores. A cidade dos artesãos era toda impregnada de vida artesanal, em todos os seus aspectos, em todas as suas manifestações e, por isso, também no nome das ruas. Cada nome era um pedaço de vida, era a recordação de um momento de vida coletiva. Os caminhos eram como um patrimônio comum de lembranças, de afetos, que uniam mais estreitamente os indivíduos com os vínculos da solidariedade da recordação. A burguesia comerciante destruiu esse patrimônio, sem conseguir substituí-lo por algo igualmente vivo. A adulação solene ou a vaidade vazia tomaram o lugar da fantasia recriadora. Todos os príncipes, reinantes, ministros e generais da casa de Savoia tiveram o seu nicho, foram impostos à atenção dos cidadãos, cuja recordação desejaria preencher de sujeitos mais dignos. A enciclopédia forneceu o resto. A cidade burguesa é Cosmópolis, isto é, uma falsa internacional, uma falsa universalidade: confusão de valores, reino do indistinto, caos desordenado e anti-histórico. Michele Lessona é distinto e genial como Leonardo da Vinci. Elvio Pertinace parece mais digno de memória que a arte dos Carroceiros; um imbecil qualquer da história romana parece mais representativo de uma forma de vida social que transformou a história. Desaparecem as ruas popularíssimas de Zecca, do Hospital, do Depósito, dos Carroceiros, dos Bairros, (substituídos) por nomes desconhecidos da convencionalidade monumento-maníaca ou para recordar Quinto Agrícola ou Elvio Pertinace. O grotesco da cultura comerciante sufoca as pulsações que sobreviveram da vida do passado. O burguês comerciante armado de machados e dicionários prossegue nos caminhos do progresso. A Cosmópolis incolor e sem sabor triunfa.

("Avanti!", Il progresso nello stradario, 01/06/1917)

FILANTROPIA, BOA VONTADE E ORGANIZAÇÃO⁷

Esta resposta ao artigo do *Humilíssimo Entre a cultura e a ignorância*⁸ pretende ser uma exemplificação prática de um dos maiores objetivos que a proposta de uma associação de cultura deveria apresentar.

O *Humilíssimo* é um organizador. Penso que como tal ele deveria ter critérios exatos e precisos sobre organização. Ele, mais que qualquer outro militante no movimento socialista, porque se é verdade que o conceito de organização é central no pensamento socialista, é também verdade que a profissão, a atividade específica, leva consigo uma maior soma de responsabilidade.

Digo isso porque o *Humilíssimo* escreve e se exprime como poderia fazê-lo um “desorganizado”. Ou seja, não consegue transportar para uma outra atividade os conceitos que compõe a sua atividade específica. Nem se preocupa em refletir se as suas objeções podem voltar-se sobre sua atividade. Nem se preocupa em refletir se os organizados de sua federação, refletindo sobre o que ele escreveu, generalizem aquilo que ele escreveu e dissolvam a organização porque a fábrica basta para

⁷ GRAMSCI, A. *Scritti Giovanil (1914-1918)*. Torino: Einaudi, 1975. p. 145-147.

⁸ Artigo publicado no Jornal “Avanti!” em 20/12/1917, que se declarava contrário à criação de uma Associação Socialista de Cultura com objetivos e limites de classe, não entendendo a difusão da cultura como útil ao movimento.

criar a alma proletária, assim como a possibilidade de comprar livros e revistas basta a quem deseja tornar-se “culto”; porque a sociedade capitalista suscita naturalmente a luta de classes, assim como naturalmente desperta o pensamento de classe e o embate dos dois pensamentos, das duas idealidades.

Mas pela sua atividade o *Humilíssimo* persuadiu-se que a fábrica não basta e que a solidariedade de classe, para que ativamente se manifeste e se afirme vitoriosa, deve organizar-se, disciplinar-se, limitar-se. Ele se convenceu que a natureza e a necessidade só é tal enquanto se transforma, por meio do pensamento, em consciência exata dos fins e dos meios e, por isso, divulga que é necessário criar órgãos específicos de luta econômica que elaborem a necessidade, que a purifiquem de toda intromissão sentimental e particularista e formem os “proletários” em sentido socialista.

Por que não transporta esses conceitos para a atividade cultural? Porque ao *Humilíssimo*, como a muitos em nosso beato país, falta o hábito de generalização, de síntese, que é, todavia, necessário se se quer homens completos e não homens de caso a caso, do te vejo e não te vejo, do amanhã sim e hoje não, do mas, do se etc.

O *Humilíssimo* tem um conceito de cultura que é, também ele, impreciso. Ele acredita: cultura é igual saber um pouco de tudo, isto é, igual *Universidade Popular*.⁹ Eu dou à cultura o seguinte significado: exercício do pensamento, aquisição de ideias gerais, hábito de conectar causa e efeito. Para mim, todos já são cultos porque todos pensam, todos conectam causas e efeitos. Mas o são empiricamente, primordialmente, não organicamente. Portanto, oscilam, dispersam-se, abrandam-se ou se tornam violentos, intolerantes, briguentos, ao sabor dos acasos e das contingências. Para que se entenda melhor, tenho um conceito socrático de cultura: creio que seja um pensar bem, qualquer coisa que se pense e, portanto, executar bem, qualquer coisa que se faça. E, assim como sei que a cultura é, também ela, um conceito básico do socialismo, porque integra e con-

⁹ A Universidade Popular foi uma experiência criada pelo Partido Socialista e criticada por Gramsci porque não propunha um novo modelo de Universidade, mas repetia as práticas e a estrutura da Universidade em geral.

cretiza o vago conceito de liberdade de pensamento, assim gostaria que ele fosse vivificado por outro, pelo conceito de organização. Organizamos a cultura assim como procuramos organizar toda atividade prática. Os burgueses filantropicamente pensaram em oferecer ao proletariado a Universidade Popular. Contraponhamos a solidariedade e a organização à filantropia. Damos os meios à boa vontade, sem os quais a boa vontade permanece sempre estéril e infecunda. Não é a conferência que nos deve importar, mas o trabalho miúdo de discussão e de investigação dos problemas, da qual todos participam, todos dão uma contribuição e na qual todos são simultaneamente mestres e discípulos.

Naturalmente, para que seja organização e não um amontoado de pessoas, ela deve expressar uma necessidade. Tal necessidade é difundida ou é de poucos? Começam os poucos: nada é mais pedagogicamente eficaz que o exemplo ativo a revelar aos outros as necessidades e a fazê-los senti-las pungentemente. Poder-se-á dispensar o *buffet* para os poucos e amanhã se poderá dispensá-lo para muitos. A cultura entendida no sentido humanístico é também ela uma joia e satisfaz por si mesma. Os círculos, os grupos, não podem bastar: apresentam necessidades práticas, são tomados também eles no redemoinho da atualidade. E, depois, existe uma outra razão: além da deficiência da faculdade generalizadora, muitos italianos tem uma outra deficiência, que é fruto histórico da ausência de qualquer tradição de vida democrática em nosso país; não conseguem ocupar-se no mesmo local de mais atividades: a maioria são homens de uma só atividade. O afastamento exterior das organizações servirá para melhor desenvolver as faculdades particulares para uma síntese mais ampla e perfeita. E os problemas a discutir não faltarão, dado ainda que os problemas não devem tanto importar em si e por si quanto pelo modo como venham a ser tratados. Mas disso se poderá falar se entre os companheiros a proposição tiver verdadeiramente despertado um eco ou se a proclamada necessidade de associação não seja mais que uma veleidade de qualquer um.

(“Avanti!”, 24/12/1917)

A SUA HERANÇA¹⁰

A sociedade contemporânea: um mercado rumoroso, de homens em delírio; no centro do mercado, um carrossel que gira em turbilhão, impetuosamente. Cada um dos presentes deseja saltar na garupa de um luzente e bem arreado cavaleiro, de uma sereia de olhos lânguidos; querem acomodar-se nas macias almofadas de uma carruagem. É um precipitar-se desordenado e caótico da multidão em tumulto, uma obscena acrobacia das artes simiescas. Dez mil caem por terra depois de terem quebrado os membros, um em dez mil atravessa, ergue-se sobre estes inúmeros corpos, separa o salto adequado e voa no turbilhão infernal.

Você quer participar da competição. Você também tem probabilidade de sorte. Chegar significa tornar-se rico, ser senhor da vida, conquistar a própria liberdade.

Aqui está: a liberdade. Detenhamo-nos. Certamente a riqueza não é um fim; se se torna fim chama-se avidez (avareza). É meio para um fim: a liberdade. Um vintém que você possua, é um vintém de liberdade à sua disposição, é um vintém de livre escolha. A propriedade é a garantia de que esta liberdade será contínua. A propriedade de uma parte de riqueza (instrumento de trabalho) é a possibilidade de ampliar ainda mais o domínio da liberdade pessoal. O direito de herança é a garantia de que

¹⁰ GRAMSCI, A. *Scritti Giovanili (1914-1918)*. Torino: Einaudi, 1975. p. 214-217.

a sua liberdade pessoal será também de seus filhos, dos seus entes queridos. Uma vez que o seu fim não é um fato material circunscrito, uma vez que você não é um ávido de bem estar mecânico, mas de liberdade, resulta que o seu objetivo não é individual, mas é a imortalidade. Você sente que os seus filhos o continuarão como você continua seus pais e quer ver garantida a liberdade do seu espírito imortal. Esta imortalidade é admitida pelos leigos e filósofos: ela é precisamente chamada de Espírito pelos filósofos e vem a coincidir com a História, porque inteiramente humana, porque nada tem a dividir com o espírito (alma) transcendente, ultraterreno, das religiões. É pura atividade: você é ativo, trabalha, participa da imortalidade do trabalho, mas quer ver exteriormente esta permanência do seu eu: você a procura nos seus descendentes, nas garantias de liberdade que lhes assegura.

Todos os homens têm esta aspiração, todos os homens querem tornar-se proprietários de liberdade, de liberdade garantida, de liberdade transmissível. Se ela é o sumo bem, é natural que dela se procure fazer participantes os próprios entes queridos, é natural que se aceite o sacrifício para criar esta liberdade, ainda que certos de não aproveitá-la para si próprios, só para assegurá-la aos entes queridos. A preocupação torna-se, em alguns casos, tão pungente a ponto de impelir ao delito, à perversão e ao suicídio. Mães se prostituem para juntar um pecúlio de liberdade aos filhos; pais se matam com a aparência de desgraça, para que os filhos usufruam prontamente o seguro da liberdade.

A liberdade é somente um privilégio: eis porque se manifestam estas perversões. A sociedade é um mercado: a sorte é um jogo. A maioria deve necessariamente fracassar na feroz competição. A maioria é, pois, não-espírito, não participa da imortalidade da história? Existe a imortalidade sem a continuidade exterior? Certamente não. Existindo, transforma o mundo; suscita, pois, formas exteriores.

Então, também você, que não é rico, que não é um capitalista, que não garante à sua imortalidade nenhuma continuação exterior de liberdade, herda e deixa uma herança. De outra forma, você não seria homem, não seria espírito, não seria História. É necessário que você tenha consci-

ência desta verdade, que aprofunde em si esta consciência e a transmita aos outros. Ela é a sua força, é a chave do seu destino e do destino dos seus entes queridos.

A propriedade é a relação jurídica existente entre um cidadão e um bem. Ela é, portanto, um valor social, inteiramente contingente; é garantida por todos, que a garantem somente enquanto esperam, cada um singularmente, chegar a gozá-la. Os poucos são livres na posse dos bens, e transmitem esta liberdade a outros poucos, porque os muitos esperam, tem a pretensão de serem livres, não tem a vontade. A vontade é adequação dos meios ao fim, portanto é especialmente procura de meios apropriados.

O privilégio da liberdade subsiste porque a sociedade é um mercado, porque é uma desordem perene. A esperança que você tem de saltar *imediatamente* na garupa de um cavalinho do carrossel o faz elemento da desordem, da eterna feira: você é uma rodelinha da máquina infernal que faz rodar o carrossel; se você falhar na disputa você será a causa do seu fracasso, se você se quebra os ossos, você é um suicida.

De elemento de desordem você deve se tornar um elemento de ordem. Ao ser *imediatamente* (vaga esperança, mínima probabilidade), você deve preferir a certeza, ainda que não imediata, a certeza para os seus filhos. O fim permanece idêntico, os meios para alcançá-lo são os únicos meios apropriados à sua disposição: a associação, a organização.

Se a propriedade é somente um valor social, o simples fato de que existe um organismo-força que se propõe torná-la bem comum, garantia de liberdade para todos, a transforma e a torna aleatória enquanto privilégio, isto é, já a diminui em prol da coletividade e faz participar dela, já agora, a coletividade.

Esta diminuição, esta participação potencial é uma herança que você transmite. Claro que é mais evidente e mais palpável a herança dos capitalistas; mas, se você refletir, também a sua não é coisa negligenciável.

Você também tem uma herança: os seus ascendentes, que fizeram a revolução contra o feudalismo, lhe deixaram em herança o direito à

vida (você não pode ser morto arbitrariamente: parece-lhe pouca coisa?), a liberdade individual (para o encarcerarem você deve ser julgado culpado de um crime), o direito de locomoção para trabalhar em uma terra antes que em outra, à sua escolha, conforme a sua utilidade. Você usufruiu de uma herança mais recente: a liberdade de fazer greve, a liberdade de associar-se com outros para discutir os seus interesses imediatos e para propor-se, em comunhão com outros, o fim maior de sua vida: a liberdade para si ou, ao menos, para seus descendentes.

Parecem-lhe pequenas essas heranças? Elas têm diminuído notavelmente o privilégio dos poucos. Por que você não se propõe a ampliá-las e, conseqüentemente, diminuir ainda mais o privilégio? Essas heranças são o fruto do trabalho de muitos, não somente do seu pai, avô ou bisavô. São fruto inconsciente, por isso, pequeno. Torne-se você consciente, difunda a sua consciência: que herança superior àquelas do passado você não transmitirá ao futuro? Que certeza mais concreta de liberdade para os seus filhos, para a imortalidade do seu espírito? Ao invés de uma propriedade individual, preocupe-se em deixar maiores possibilidades para o advento da propriedade coletiva, da liberdade para todos, porque todos são iguais diante do trabalho, do instrumento de trabalho.

Esta sua herança tem, também ela, uma forma exterior: a associação. Quanto mais forte é a associação, tanto mais próxima está a hora de bater à porta da História. Quem o fará? Você próprio, talvez, pela sua participação. Trabalhe como se o fim fosse imediato, mas não descuide, por isso, de criar meios mais potentes, no caso de não ser imediato; sacrifique-se, porque você pensa em seus filhos, em seus entes queridos.

Reforce as associações que tenham esse fim: libertar a coletividade, dando-lhe a propriedade da riqueza. A associação econômica lhe garante a cobrança cotidiana dos benefícios produzidos pela herança que lhe deixaram seus pobres antepassados; reforce-a com a sua adesão; desta forma, você aumentará a herança de seus filhos.

A associação política, o Partido socialista, é órgão de educação, de elevação; por ele você sentirá a coletividade; você se despojará de seus egoísmos pessoais, aprenderá a trabalhar desinteressadamente pelo fu-

turo que é de todos, portanto também seu e dos seus. Por ele você acrescentará o seu sacrifício e o seu trabalho ao dos outros, multiplicando o seu valor pelo valor do sacrifício comum.

A Associação de cultura o tornará mais digno de sua tarefa social, o educará a pensar bem, melhorará o seu espírito: por ela você participará do patrimônio do pensamento, das experiências espirituais, da inteligência, da beleza do passado e do presente.

Divulgue esta pequena verdade: na sociedade atual, que é mercado, que é jogo, todos *singularmente* podem tornar-se ricos (livres), mas necessariamente, somente poucos o alcançam; a busca da propriedade, da herança individual, há um que consegue, para dez mil fracassados. Por outro lado, os dez mil não fracassarão na procura da herança social; que se associem, que de elementos de desordem tornem-se elemento de ordem e terão se aproximado de dez mil probabilidades a obtenção do próprio fim.

Enquanto isso faça o seu dever: dê a sua parte de atividade, de espiritualidade, ao patrimônio social comum atual; trabalhe para que seja transmitido, melhorado e ampliado aos seus descendentes; cuide de sua herança, cuide da única herança que você tem certeza de poder deixar.

(“Avanti!”, La tua eredità, 01/05/1918)

OS JORNAIS E OS OPERÁRIOS¹¹

É a época da publicidade para as assinaturas. Os diretores e os administradores dos jornais burgueses arrumam as suas vitrines, passam uma mão de verniz sobre seu título e chamam a atenção do passante (isto é, do leitor) para a sua mercadoria. A mercadoria é aquela folha de quatro ou seis páginas que todas as manhãs ou todas as tardes vai injetar no espírito do leitor os modos de sentir e de julgar os fatos da atualidade política que mais convém aos produtores e vendedores de papel impresso. Estamos dispostos a discorrer, com os operários especialmente, sobre a importância e a gravidade desse ato aparentemente tão inocente que consiste em escolher o jornal que se pretende assinar. É uma escolha cheia de insídias e de perigos que deveria ser feita com consciência, com critério e depois de amadurecida reflexão. Antes de tudo, o operário deve negar decididamente qualquer solidariedade com o jornal burguês. Deveria recordar-se sempre, sempre, sempre, que o jornal burguês (qualquer que seja a sua cor) é um instrumento de luta movido por ideias e interesses que estão em contraste com os seus. Tudo o que publica é constantemente influenciado por uma ideia: servir a classe dominante, o que se traduz sem dúvida num fato, combater a classe trabalhadora. E, de fato, da primeira à última linha, o jornal burguês sente e revela essa preocupação. Mas o belo, isto é o pior está em que: ao invés de pedir

¹¹ GRAMSCI, A. *Scritti Giovanili (1914-1918)*. Torino: Einaudi, 1975. p. 53-55.

dinheiro à classe burguesa para ser mantido na obra de defesa exposta em seu favor, o jornal burguês consegue fazer-se pagar... pela própria classe trabalhadora que ele combate sempre. E a classe trabalhadora paga, pontualmente, generosamente. Centenas de milhares de operários contribuem regularmente todos os dias com o seu dinheiro para o jornal burguês, contribuindo assim para aumentar a sua potência. Por que? Se perguntarem ao primeiro operário que encontrarem no trem ou na rua com a folha burguesa desdobrada à sua frente, ouvirão esta resposta: “Porque tenho necessidade de saber o que há de novo.” E sequer lhe passa pela cabeça que as notícias e os ingredientes com os quais são cozidas podem ser expostos com uma arte que dirija o seu pensamento e influa no seu espírito em determinado sentido. E, no entanto, ele sabe que tal jornal é conservador, que outro é interesseiro, que o terceiro, o quarto e o quinto estão ligados a grupos políticos que têm interesses diametralmente opostos aos seus. Todos os dias, pois, sucede a esse mesmo operário poder constatar pessoalmente que os jornais burgueses apresentam os fatos, mesmo os mais simples, de modo a favorecer a classe burguesa e a política burguesa em prejuízo da política e da classe operária. Irrompe uma greve? Para o jornal burguês os operários nunca têm razão. Acontece uma manifestação? Os manifestantes, apenas porque são operários, são sempre turbulentos, facciosos, malfeitores...

O governo aprova uma lei? É sempre boa, útil e justa mesmo se... é o contrário. Desenvolve-se uma campanha eleitoral, política ou administrativa? Os melhores candidatos e programas são sempre os dos partidos burgueses.

E não falemos de todos os fatos em que o jornal burguês ou cala, ou deturpa, ou falsifica para enganar, iludir e manter na ignorância o público dos trabalhadores. Apesar disso, a aquiescência culpável do operário em relação ao jornal burguês é sem limites. É necessário reagir contra ela e despertar o operário para a exata avaliação da realidade.

É preciso dizer e repetir que aquela moeda atirada distraidamente para a mão do vendedor ambulante é um projétil oferecido ao jornal burguês que o arremessará depois, no momento oportuno, contra a massa operária.

Se os operários se persuadissem desta verdade elementar aprenderiam a boicotar a imprensa burguesa com aquela mesma coesão e disciplina com a qual a burguesia boicota os jornais dos operários, isto é, a imprensa socialista.

Não contribuam com dinheiro para a imprensa burguesa que é vossa adversária: eis qual deve ser o nosso grito de guerra neste momento, que é caracterizado pela campanha de assinaturas feita por todos os jornais burgueses.

Boicotem, boicotem, boicotem!

(*"Avanti!"*, 22/12/1916)

A LUZ QUE SE APAGOU¹²

Recordo um pobre rapaz que não pôde frequentar os cultos bancos das escolas de sua cidade por ser doente e se preparou sozinho para o exame, ai de mim que modesto, de liberação de uma obrigação moral. Mas quando, insignificante, se apresentou ao mestre, ao representante da ciência oficial, para lhe entregar o pedido sublinhado, para impressionar, na mais bela caligrafia; aquele, olhando através de seus óculos científicos, perguntou carrancudo: “Sim, está bem, mas acreditas que seja assim fácil o exame? Conheces, por exemplo, os 84 artigos da Constituição?” E o pobre rapaz, esmagado por aquela pergunta, se pôs a tremer, chorando desconsoladamente voltou para casa e naquele momento não quis fazer o exame.

Por que me aparece na memória esta anedota no momento em que gostaria de recordar para os leitores do “Grido” a figura de Renato Serra?¹³ Porque muitos mestres me parece são como aquele que recordei acima e, a eles, Serra deu uma lição de humanidade; nisso ele verdadeiramente continuou Francesco De sanctis, o maior crítico que a Europa jamais teve.

Pensem naquilo que na Idade Média representa o movimento

¹² GRAMSCI, A. *Scritti Giovanili (1914-1918)*. Torino: Einaudi, 1975. p. 10-12.

¹³ Morto a 2º de julho de 1915.

franciscano diante do teologismo doutrinário da Escolástica. A teologia era pão dos anjos, não dos míseros mortais; e não apenas tinha invadido todas as manifestações religiosas, mas também a pregação ao povo: Deus desaparecia por trás dos silogismos, resplandecia distante ou pesava sobre as consciências como alguma coisa de gigantesco, de esmagador. O intelecto havia matado o sentimento, a reflexão cuidadosa tinha estrangulado o ímpeto da fé. Veio São Francisco, alma humilde, descuidada, Espírito simples, soprou todos os invólucros de papel, pergaminhos que haviam distanciado Deus dos homens e fez renascer em cada alma a divina embriaguez. Assim fizeram De Sanctis e Serra com a poesia. A poesia tinha se tornado privativa dos professores: Dante, por exemplo, foi aquele que superou os limites humanos ou os seus livros se apresentavam circundados de tramas rígidas de espinhos eruditos e de sentinelas que gritavam o “quem vem lá?” a cada profano que ousasse aproximar-se muito; assim se formou na maioria a convicção que Dante seja como uma torre impenetrável aos não iniciados. De Sanctis não é desses: não pergunta a um que tem a boa vontade se conhece os 84 artigos da Constituição, ao contrário, se vê uma face mirrada, se vê um humilde voltar atrás quase espantado de tanto ousar o aproxima, diria que quase o toma pelo braço, com uma expressão toda napolitana, o guia e lhe diz: “Veja, aquilo que acreditavas difícil não o é ou não vale a pena ser lido; salte estes obstáculos, deixe que outros maxilares se façam sangrar as gengivas a roer esses cardos”. Renato Serra mostra que os professores, os críticos de profissão, tomaram por arte aquilo que era pura e simples tapeçaria. Esses dois homens foram verdadeiramente mestres, como entendiam os gregos, isto é, mistagogos¹⁴, que iniciaram aos mistérios mostrando que esses mistérios são construções vazias dos literatos e que tudo é claro e límpido para quem tem os olhos puros e vê a luz como cor e não como vibração de ions e elétrons. Tais mestres são colaboradores da poesia, leitores da poesia. Cada um de seus ensaios é uma nova luz que se acende para nós. Sentimos-nos como absorvidos em um encanto. O mundo que nos circunda não chega mais aos nossos sentidos, não os estimula a reagir. Não existe outra obra de arte que esta: nós e o mestre que nos

¹⁴ Na Grécia antiga, eram os sacerdotes encarregados de dar a instrução preliminar aos que deviam ser iniciados aos ritos dos mistérios.

guia. A nossa humanidade está toda tensa ao belo e somente a este sente. A tomada de posse é rápida, imediata. É um homem que se aproxima de um outro homem e o sente reviver em si como tal e depois como criador de beleza. A palavra não é mais elemento gramatical a dividir em regras e em esquemas livrescos; é um som, é uma nota de um período musical que se solta, se recupera, se amplia em leves espirais, árias que nos conquistam o espírito e o fazem vibrar em uníssono com o espírito do autor. As imagens vivem uma vida própria, estimulam as nossas faculdades criativas, agitam todo o mundo das nossas experiências, despertam ecos distantes de coisas passadas que se renovam e se afirmam vigorosas no ato de nossa leitura. Nós vibramos em todas as fibras do nosso ser, nos sentimos purificados por esta fusão com um outro ser que nos sacudiu e nos fez participar de sua vida, que nos deu a ilusão de sermos nós os criadores daquelas harmonias, tanto que as sentimos nossas e sentimos que jamais cessarão de fazer parte do nosso espírito.

Depois de uma dessas lições nos sentimos cansados, quase saciados de beleza. Mas o mago nos retoma nas suas redes. Um seu novo escrito nos renova e nos libera de qualquer recordação do passado, nos reconduz puros a uma outra nascente e se repete em nós, já espertos, a nova experiência. O nosso gosto se refina e parece que os nossos nervos se aguçam para colher também as mínimas vibrações. Sentimos que também sozinhos, sem o mestre, podemos aproximar-nos da obra de arte com mais frescor, com mais sinceridade. Quantos véus caídos, quantos ídolos quebrados, quantos valores invertidos. Verdades que antes não conseguíamos compreender agora, sem nos apercebermos, nos sobem espontaneamente aos lábios. Recordamos os ensinamentos de Leonardo aos seus discípulos: “que observassem também as manchas e os mofos dos muros porque neles poderia haver combinações de cores e de luz mais perfeitas do que aquelas que o próprio homem pode criar” e nos parece dizer coisas que antes não ouvíamos. Cessa a nossa adoração pelas obras engenhosas, arquetonicamente complexas, e cuidamos mais às ligações sonoras que existem entre palavra e palavra, entre período e período. A exclamação de um carroceiro reveste-se então, para nós, de tanta poesia quanto um verso de Dante. Não caímos no exagero ridículo

de afirmar que o carroceiro é tão poeta quanto Dante, mas estamos contentes em sentir em nós a possibilidade de ouvir a beleza onde quer que ela esteja e sentir-nos liberados das proibições e preconceitos escolásticos que nos faziam medir a poesia a metro cúbico e a quilogramas de papel impresso.

Mas agora não podemos esperar mais nada de Renato Serra. A guerra o esmagou, a guerra sobre a qual ele havia escrito com palavras tão puras, com conceitos tão ricos de visões novas e de sensações novas. Uma nova humanidade vibrava nele; era o homem novo dos nossos tempos, que tanto ainda teria podido dizer-nos e ensinar-nos. Mas a sua luz se apagou e nós não vemos ainda quem, para nós, poderá substituí-la.

(La luce che si è spenta, 20/11/1915)

CRÔNICAS DE L'ORDINE NUOVO IX¹⁵

Iniciamos neste número a publicação de um breve estudo do companheiro Aldo Oberdorfer, de Trieste, sobre Leonardo da Vinci, escrito por ocasião do quarto centenário vinciano, que acontece este ano. Estamos certos que os nossos leitores e amigos não se admirarão deste fato, que não representa uma exceção ao nosso programa, mas a realização de uma parte do mesmo, que desde o princípio estava clara em nossas intenções.

Em outras ocasiões já havíamos acentuado o modo como acreditamos que um jornal deveria ser elaborado, principalmente uma resenha de cultura comunista. Um jornal deve tender a tornar-se, nos seus limites, uma coisa completa: se não consegue satisfazer todas as necessidades intelectuais do núcleo de homens que não somente o leem, mas o mantêm com o seu consenso e vivem à sua volta e lhe comunicam um pouco de sua vida, deve procurar que nas suas páginas todos encontrem aquilo que lhes interessa e apaixona, aquilo que os libera do peso do trabalho cotidiano, da luta econômica, da discussão política. O jornal deveria ao menos incitar a um desenvolvimento completo das próprias faculdades

¹⁵ GRAMSCI, A. *L'Ordine Nuovo (1919-1920)*. Torino: Einaudi, 1975. p. 451- 453.

mentais, a uma vida mais elevada e completa, mais rica de motivos ideais e de harmonia, o estímulo ao enriquecimento da própria personalidade. Por que não podemos começar, com nossas modestas forças, em meio àquele grupo de jovens que nos seguem com confiança e com expectativa, a obra que será da escola, da nossa escola de amanhã?

Porque a escola socialista, quando surgir, surgirá necessariamente como uma escola completa, tenderá a abraçar imediatamente todos os ramos do saber humano. Esta será uma necessidade prática e uma exigência ideal. Já existem agora operários, aos quais a luta de classes deu um significado novo de dignidade e de liberdade que, quando leem os cantos dos poetas ou ouvem os nomes dos artistas e dos pensadores, se perguntam com mágoa: "Por que a escola não ensinou essas coisas também a nós?" Mas se consolem: a escola, como se apresentou nos últimos dez anos, como é feita agora pela classe dirigente, não ensina mais nada a ninguém, ou bem pouco. A tarefa educativa tende agora a realizar-se por outros caminhos, livremente, por meio de associações espontâneas de homens motivados pelo desejo comum de melhorarem a si mesmos. Por que um jornal não poderia tornar-se o centro de um desses grupos? Também neste campo o Estado dos burgueses está por falir. De suas mãos enrugadas pelo único esforço de acumular riquezas, a chama da ciência caiu, como caiu também a sagrada lâmpada da vida. A nós cabe recolhê-la e fazê-la brilhar com uma nova luz.

Na realidade existem, no conjunto de noções transmitidas por um milenário trabalho do pensamento, elementos que possuem um valor eterno, que não podem e não devem perecer. Um dos mais graves sinais da degradação a qual nos levou o regime burguês está no fato que se perde a consciência desses valores; tudo se torna objeto de comércio e instrumento de guerra.

O proletariado, conquistado o poder social, deverá pôr-se em ação para reconquistar, para restabelecer na sua integridade, para si e para a humanidade, o reino devastado do espírito. É isso que estão fazendo hoje, guiados por Massimo Gorki, os operários da Rússia; isso se deve

começar a fazer em todo lugar onde o proletariado esteja próximo de alcançar a maturidade que é necessária para a transformação social. Aquilo que decaiu do alto deve ressurgir mais forte de baixo.

(L'Ordine Nuovo, 23/08/1919)

XXX¹⁶

A proposta do companheiro Galetto¹⁷, que noticiamos há dois números, encontrou até agora um discreto apoio no público de nossos amigos. Até agora são cerca de uma dezena aqueles que disseram que estão dispostos a assumir um compromisso continuado com o nosso jornal, na medida indicada. Também tivemos a adesão de um grupo do círculo dos estudantes comunistas de Turim, que se comprometeram a uma contribuição mensal de 25 libras. Trata-se até agora, porém, unicamente de amigos pessoais que, por isso mesmo, sentem-se pessoalmente interessados na vitalidade de nossa obra que é, no fundo, também a sua. Mas destas adesões individuais esperamos recolher outras mais numerosas à medida que conseguirmos dar uma forma e constituir regularmente os “grupos” de nossos amigos. Para esta ação pedimos, agora, a ajuda de quem quiser nos apoiar, em Turim e fora.

Acreditamos, ainda, de pedir que se trabalhe por coisas que não tem valor somente como uma ajuda dada a nós. Não impomos nenhum programa: a palavra “cultura” tem um significado bastante amplo, tanto que pode justificar toda liberdade de espírito, mas tem, por outro lado, um conteúdo preciso, no qual não pode caber senão uma atividade que

¹⁶ GRAMSCI, A. *L'Ordine Nuovo (1919-1920)*. Torino: Einaudi, 1975. p. 481-482.

¹⁷ Leo Galetto havia proposto organizar um grupo de amigos do jornal “Ordine Nuovo”, que se comprometessem a contribuir com uma cota mensal para o jornal.

tenha em si a capacidade de dar-se uma disciplina.

Do objetivo de cultura nós nunca nos separamos, não obstante o persegui-lo nos levou a desenvolver um programa preciso. Cultura quer dizer para nós seriedade de posições mentais e de vida e os nossos “amigos” encontrarão seguramente nesses poucos conceitos uma base adequada para a constituição de núcleos homogêneos. Nisso há alguma coisa a menos, mas infinitamente maior que um programa. E assim os nossos grupos, muito diversamente de uma associação política, terão em si uma capacidade mais modesta, porém nova: aquela de ser, num momento no qual todo vínculo desinteressado parece dissolver-se e desaparecer, pequenos centros em torno aos quais se reúnam os jovens, pessoas que ainda saibam o que é o desinteresse, que ainda deem valor àquilo que não dá nenhum prêmio, nem um pagamento, nem uma posição. Quem disse que a renovação proletária do mundo não deve coincidir com um retorno às virtudes individuais, as quais não se preparam e se não se refinam senão no contato imediato, contínuo, fraterno, de quem acredita em um princípio e encontra nele o que pode guiá-lo também a melhorar a si próprio?

Talvez confiemos e esperemos muito desses nossos “grupos”... bem não: se fossem reunidos em torno a nós somente algumas dezenas de bons companheiros e do hábito de vida comum nós tivéssemos obtido somente coisas que nos tornam um pouco melhores, disso seríamos pagos. Apenas de uma coisa cuidamos: que se alguma coisa se poderá conquistar que aconteça o máximo que seja possível mediante uma organização, por meio de um procedimento que seja capaz de permanecer. Isso nos tornará (e a nossos amigos) seguros de haver trabalhado não para nós somente, mas por alguma coisa que possa permanecer e dar frutos também para além de nossas pessoas.

(L'Ordine Nuovo, 17/07/1920)